

Representações sociais de suicídio: um estudo com comentários de usuários do *Twitter*

Lorena Schettino Lucas ¹, Mariana Bonomo ² & Joaquim Pires Valentim ³

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo

² Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo

³ Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Resumo: Este estudo teve como objetivo identificar o campo compartilhado, os princípios organizadores das tomadas de posição e a ancoragem psicossocial das representações sociais de suicídio entre usuários do *Twitter*. Foram coletados 3302 comentários de usuários do *Twitter* em 103 reportagens sobre suicídio publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo* no *Twitter*. Em seguida, foram identificados 425 perfis dos usuários autores dos comentários e coletados dados referentes a suas orientações políticas. Os resultados, sistematizados por meio da Classificação Hierárquica Descendente e pela Análise Fatorial de Correspondência, viabilizadas pelo software Iramuteq, indicaram a presença de três princípios organizadores dos significados vinculados ao objeto suicídio: a ciência, a religião e a política. A discussão focalizou a dualidade ciência versus religião na organização do campo representacional de suicídio e as pertencas políticas dos usuários do *Twitter* como pontos de ancoragem psicossocial privilegiados.

Palavras-chave: Suicídio; Representações sociais; Princípios organizadores; Ancoragem psicossocial; Redes sociais.

Social representations of suicide: a study with comments from Twitter users: This study identified the shared field, the organizing principles and the psychosocial anchoring of social representations of suicide among Twitter users. 3302 comments from Twitter users were collected in 103 reports on suicide published by the newspaper *Folha de São Paulo* on Twitter. 425 profiles of the users who wrote the comments were identified and data was collected regarding their political orientations. The results were systematized through Descending Hierarchical Classification and Correspondence Factor Analysis and indicated the presence of three organizing principles of the meanings linked to the suicide object: science, religion and politics. The discussion focused on the science versus religion duality in the organization of the representational field of suicide and the political affiliations of Twitter users as privileged psychosocial anchoring points.

Keywords: Suicide; Social representations; Organizing principles; Psychosocial anchoring; Social media.

Desafiando profissionais de diversas áreas do saber na construção de teorias explicativas e na aplicação de estratégias eficazes de prevenção, o suicídio desponta como fenómeno que mobiliza afetos e tomadas de posição de indivíduos e grupos sociais (Lucas & Bonomo, 2022). A partir da abordagem societal da Teoria das Representações Sociais (TRS; Doise et al., 1993), este estudo buscou compreender as características e relações estabelecidas no campo representacional de suicídio nos espaços virtuais.

Suicídio: da antiguidade grega ao Brasil contemporâneo

Na produção histórica sobre o objeto social suicídio, observa-se que o fenómeno assume diferentes funções na dinâmica das sociedades ao longo dos séculos. Na Antiguidade, o fenómeno encontrava-se profundamente relacionado às práticas do Direito e à regulação política do Estado na Grécia e em Roma (Minois, 2018). A partir da Idade Média, como tentativa de coibir a perda de fiéis, a Igreja Católica deu início à condenação religiosa do ato suicida ao classificá-lo como pecado (Ariès, 2012). Desde o século V, a religião exerceu papel fundamental na constituição de práticas e de significados relativos ao suicídio, posto que havia o entendimento de que a vida do ser humano era de propriedade divina e cabia à Igreja o controle sobre todos os seus aspectos, inclusive sobre o seu fim (Ariès, 2012; Minois, 2018).

¹ Endereço de correspondência: Avenida Fernando Ferrari, 514, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiabeiras, Vitória/Espírito Santo, Brasil. CEP: 29075-910. E-mail: lorenaschettino@hotmail.com

A partir do século XIX, outras forças macrosociais passaram a atuar no processo de construção dos sentidos sobre o suicídio. Pela primeira vez, uma publicação médico-científica discorreu sobre o fenómeno, tratando-o como um dos resultados da doença mental do indivíduo com motivações exclusivamente intrínsecas ao sujeito, o que representava uma nova forma de compreender e lidar com o tema na época (Esquirol, 1821). Durante o século XIX, portanto, a ótica científica pautada na Medicina psiquiátrica passou a exercer um papel tão importante quanto o da Igreja Católica na compreensão do tema (Marsh, 2010).

Foi apenas no final do século XIX que foram inauguradas outras formas de se analisar a ocorrência do suicídio, sendo ele categorizado como fato social (Durkheim, 1897/2000): o tema passou a ser entendido como fenómeno influenciado por causas externas ao sujeito, que poderiam ser descritas e associadas às características da sociedade em que estava inserido. Portanto, se no século XXI existem tentativas de repensar práticas relacionadas à prevenção do suicídio como assunto público em diferentes áreas do saber (Lucas & Bonomo, 2022; White et al., 2016), elas se tornaram possíveis a partir do marco científico das obras do século XIX, principalmente de Durkheim (1897/2000), que retirou o foco dos problemas individuais e passou a enfatizar os problemas sociais associados ao fenómeno (Minois, 2018).

Na contemporaneidade, durante a primeira onda da pandemia de Covid-19 no Brasil (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020), houve incidência substancial de suicídios nas regiões Norte e Nordeste (Orellana et al., 2021). A pandemia de Covid-19 se configurou como grande desafio sanitário com potencial para abalar a estabilidade política e económica das nações, especialmente do Brasil, que já se deparava com o acirramento da polarização política desde as eleições de 2018 (Fuks & Marques, 2022; Muldon et al., 2021). Tal panorama deu origem a um estado sem precedentes na história recente, se consolidou como a maior tragédia sanitária e humanitária do último século e contribuiu para o possível aumento da subnotificação dos casos de suicídio neste período em algumas regiões (Muldon et al., 2021; Orellana et al., 2021).

O suicídio configura-se como questão que requer intervenções em vários níveis de cuidado. Em relação às estratégias de prevenção brasileiras em larga escala, a campanha anual *Setembro Amarelo* se destaca como movimento que busca trazer visibilidade ao tema (Bezerra & Silva, 2019). Visando a prevenção do suicídio, a campanha conta com a participação de diversas instituições públicas e privadas e o seu alcance é potencializado, principalmente, pela cobertura midiática que recebe, fazendo com que o suicídio se torne assunto mais recorrente em discussões nas mídias tradicionais e na internet (Bezerra & Silva, 2019; Oliveira et al., 2020). A abordagem do tema nas mídias tem ocorrido de forma a reforçar estereótipos sobre o indivíduo que pensa em suicídio, caracterizando-o a partir de adjetivações pejorativas e juízos morais (Gomes & Fensterseifer, 2019; Monari & Bertolli Filho, 2019). Especificamente em notícias brasileiras, as narrativas reforçam a concepção de criminalização do ato e a sua relação com transtornos mentais (Alves & Santos, 2020; Baére & Conceição, 2018), fato que pode refletir os interesses dos veículos midiáticos mais voltados à comercialização das reportagens do que na promoção de caminhos para a prevenção do suicídio (Ferreira et al., 2021).

Ainda em relação às mídias, a internet representa uma das principais formas de acesso à informação utilizadas pela população na atualidade, configurando-se como espaço comum em que o tema vem sendo discutido com maior frequência (Lucas & Bonomo, 2022; Oliveira et al., 2017). A presença dos usuários brasileiros em chats específicos sobre o assunto pode ser indicativa de uma tendência do uso da internet e das redes sociais como espaços que fomentam o debate sobre o suicídio (Lucas & Bonomo, 2022), tendo em vista que estudos demonstram que o tema mobiliza um número significativo de buscas, publicações e comentários nas redes sociais (Sinyor et al., 2021, 2022). Dessa forma, considerando a presença das discussões online sobre o fenómeno, evidencia-se a importância dos estudos que buscam compreender quais significados sobre suicídio são produzidos nos espaços cibernéticos, tarefa à qual se junta o presente estudo, por meio dos recursos teórico-conceituais e metodológicos da TRS.

A Teoria das Representações Sociais e a abordagem societal

A TRS recupera a noção do sujeito como ator social e como indivíduo ativo na construção da própria realidade a partir do contexto sociocultural em que se insere (Moscovici, 1984). Trabalhando para a mediação entre o sujeito e o mundo social, as representações sociais estão intrinsecamente ligadas à esfera pública, se caracterizando como teorias do senso comum e sendo geradas a partir das práticas comunicativas na vida pública (Jovchelovitch, 2011).

Ao propor a ideia de um conhecimento social, Moscovici (1984) rompeu com a concepção baseada no esquema binário clássico "Sujeito-Objeto", substituindo-o pela visão de três componentes: "Alter-Ego-Objeto". Nessa tríade psicossocial, o Alter (Sujeito social) é o mediador das relações entre o Ego (Sujeito individual) e o Objeto (Jovchelovitch, 2011; Moscovici, 1984). Esta abordagem abriu portas para a compreensão multifacetada da relação entre os três termos, de forma dinâmica e dialógica, mostrando que o objeto se constitui como elaboração do sujeito interagindo com o seu meio social (Marková, 2006;

Palmonari & Cerrato, 2011). Além disso, é marcada por uma tensão que explica como algumas representações podem ser baseadas em crenças (quando a relação entre Ego-Alter tem mais peso) ou em conhecimento (quando a relação mais forte se dá entre Ego-Objeto) (Jovchelovitch, 2011; Marková, 2006).

A proposição do estudo das representações sociais deu origem ao desenvolvimento de novos paradigmas e subsidiou diferentes abordagens, como a societal, conhecida também como o paradigma das três fases (Palmonari, 2009). O quadro teórico-metodológico da abordagem societal fundamenta-se no desenvolvimento do estudo das representações por meio de três fases, sendo elas (Almeida, 2009; Doise, 1992, 2002a): i) a análise do campo representacional compartilhado pelos indivíduos em relação ao objeto; ii) a análise dos princípios organizadores, identificando as diferenças de tomadas de posição individuais que estabelecem a variação do campo representacional; e iii) a análise dos processos de ancoragem das diferenças de tomadas de posição individuais, explicitando hierarquias de valores, pertencas e posições sociais, bem como percepções das relações entre grupos (Doise, 1992; Palmonari, 2009; Valentim, 2016; 2002a).

Os processos de ancoragem têm sido analisados de diferentes formas no campo das representações sociais. Segundo Doise et al. (1992), para investigar o processo de ancoragem deve-se “estudar as modulações em função de sua imbricação específica em um sistema de regulações simbólicas” (Doise, 1992, p. 189). Ou seja, esta tarefa implica em analisar não apenas a dimensão consensual das representações sociais (Trindade et al., 2011), mas, sobretudo, a variabilidade do campo representacional em função das diferenças interindividuais (Doise, 2002b), posto que “os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais” (Almeida, 2009, p. 719).

Sobre a análise dos processos de ancoragem, Doise (1992, 2002a) propõe três modalidades que condicionam as tomadas de posição individuais no campo representacional: i) a ancoragem psicológica, sendo posicionamentos interindividuais frente ao conteúdo das representações sociais; ii) a ancoragem psicossocial, a partir do modo como os indivíduos estão simbolicamente ligados às relações sociais e aos diferentes posicionamentos próprios de um campo social; e iii) a ancoragem social, a partir de opiniões, crenças e experiências comuns compartilhadas por membros de determinado grupo (Bonomo et al., 2013; Brasil et al., 2018; Doise, 1992, 2002a, 2002b).

Na abordagem societal, para apreender a especificidade do aspecto social das representações, é necessário estudar a sua função na dinâmica das comunicações e das relações sociais (Palmonari, 2009). Se reconhece, portanto, a importância dos meios de comunicação nas teorias formuladas por grupos acerca de objetos que são concebidos como salientes no seu cotidiano. Compondo um dos maiores meios de veiculação de ideologias, crenças e valores, as novas mídias ocupam lugar de destaque na produção do conhecimento popular ao promover debates que provocam o engajamento da sociedade (Lucas & Bonomo, 2022; Moscovici, 1984). Na contemporaneidade, aspectos essenciais para a produção de representações sociais se encontram presentes nas novas mídias: estruturas sociais compostas por pessoas, partilha de valores e objetivos, troca de informações, produção de saberes coletivos e conexão em função de traços identitários comuns (Oliveira et al., 2017).

Ao instituir matrizes sociais, culturais e históricas, as representações sociais atravessam espaços de poder que, por vezes, demandam questionamento e propostas adequadas de intervenção (Jovchelovitch, 2011). Em relação ao suicídio como objeto social, suas representações e a maneira como são ancoradas e objetivadas o têm relegado ao lugar do silenciamento, do não-dito, da repulsa e do intolerável (Lucas & Bonomo, 2022; Ordaz & Vala, 1997). Em resposta aos estados emocionais que o sujeito experiencia, o ato suicida é compreendido como forma de fugir dos problemas e o campo afetivo relacionado ao objeto é composto por sentimentos como tristeza, medo e dor (Bezerra et al., 2021; Calile & Chatelard, 2021; Meira et al., 2020; Melo et al., 2020; Oliveira et al., 2023).

Em outros estudos, as representações sociais de suicídio apresentaram associação com a religião, com a visão de quem tenta suicídio como descrente em Deus, posto que a fé é entendida como fator de proteção (Araújo et al., 2010; Bezerra et al., 2021; Cantão & Botti, 2017; Melo et al., 2020). O fenômeno, ancorado e objetivado pelo elemento morte, é capaz de evocar julgamentos morais, sendo considerado comportamento inaceitável de desistência e covardia (Lucas & Bonomo, 2022; Meira et al., 2020).

A depressão integrou o núcleo central das representações sociais de suicídio em diversas populações (como adolescentes, estudantes de psicologia e cidadãos franceses), sendo o ato considerado, nestes contextos, como consequência final do estado depressivo do indivíduo (Calile & Chatelard, 2021; Kravetz et al., 2021). Ao ser compreendido como resultado de um processo de adoecimento e ancorado nos sintomas clínicos da depressão, a principal vertente da prevenção do suicídio se torna o acompanhamento médico e psicológico individual, sendo este viabilizado pelo sistema de saúde brasileiro chamado Sistema Único de Saúde (SUS; Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Melo et al., 2020; Lucas & Bonomo, 2022;).

Em algumas situações, o suicídio passa a ser considerado, também, como direito do indivíduo, principalmente em casos de doenças terminais (Santos et al., 2019). Mesmo nestes casos em que o ato é visto como escolha possível, o campo afetivo relacionado ao objeto é composto por sentimentos como tristeza, medo, culpa, dor e sofrimento (Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Calile & Chatelard, 2021; Melo et al., 2020).

Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de compreender as características e relações estabelecidas no campo representacional de suicídio nos espaços virtuais, tendo em vista que representações sociais são produções de sentido que manifestam momentos da realidade social que ultrapassam o âmbito discursivo (Doise, 1992, 2002a; Moscovici, 1984). Portanto, tendo como referência o paradigma das três fases da TRS (Doise et al., 1993; Palmonari, 2009), este estudo teve como objetivo identificar o campo compartilhado, os princípios organizadores das tomadas de posição e a ancoragem psicossocial das representações sociais de suicídio entre usuários do *Twitter*, analisadas a partir de comentários feitos por esses usuários em reportagens divulgadas na rede social pelo jornal *Folha de São Paulo*.

MÉTODO

Fonte e procedimentos de coleta de dados

Este estudo teve como fonte de dados comentários sobre suicídio feitos por usuários do *Twitter* e informações sobre suas orientações políticas disponíveis em seus respectivos perfis nesta rede social. Para selecionar o material que compôs os conjuntos de dados, primeiro identificou-se todas as reportagens sobre suicídio veiculadas entre 2015 e 2021 pelo perfil do jornal *Folha de São Paulo* no *Twitter*. Em seguida, foram coletados todos os comentários feitos em resposta às reportagens identificadas e foram considerados todos os perfis dos usuários que eram os autores dos comentários selecionados.

A escolha das reportagens do jornal *Folha de São Paulo* como disparadoras do debate sobre suicídio no *Twitter* baseou-se no fato de que o folhetim do Grupo Folha tem sido considerado o site brasileiro noticioso de jornal com mais audiência no Brasil (Instituto Verificador de Comunicação [IVC], 2020). Quanto ao período temporal para coleta dos dados, utilizou-se como referência a criação da campanha *Setembro Amarelo*, em 2015 (Bezerra & Silva, 2019; Oliveira et al., 2020). Entende-se que, a partir da criação da referida campanha, o destaque para o tema do suicídio na mídia e nas redes sociais foi maior do que nos anos anteriores e, conseqüentemente, possibilitou que as práticas comunicativas sobre o assunto fossem mais salientes na esfera pública (Jovchelovitch, 2011).

O procedimento de coleta de dados ocorreu a partir da própria ferramenta de busca do *Twitter* e foi organizado em duas etapas, a saber, a coleta dos comentários e a coleta de informações sobre a orientação política nos perfis dos comentaristas. Na Etapa 1, após a identificação de 103 reportagens publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo*, os comentários foram coletados obedecendo os seguintes critérios de inclusão: i) deveriam ser compostos por texto e não apenas imagens; ii) deveriam ser públicos; e iii) deveriam ter sido feitos em resposta a uma das 103 reportagens identificadas anteriormente. Foram excluídos todos os comentários que não se enquadravam nos critérios de inclusão estabelecidos, totalizando em 3302 comentários, cujo conjunto compôs o primeiro *corpus* de dados.

Em seguida, na Etapa 2, foram identificados todos os 425 perfis dos usuários autores dos comentários. Através do *Twitter*, foram coletados dados referentes à orientação política destes comentaristas, bem como informações sociodemográficas de caracterização geral dos indivíduos, como gênero, região de residência e religião (ver Tabela 1). Tais informações foram obtidas a partir da autodeclaração espontânea, ou seja, a partir de materiais divulgados de forma pública pelos usuários em seus próprios perfis no *Twitter*. Na Tabela 2, encontram-se integradas as informações referentes às Etapas 1 e 2 da coleta dos dados, as fontes de dados às quais elas se referem e os procedimentos de coleta de dados adotados em cada uma delas.

Em relação ao gênero, a amostra foi composta majoritariamente por homens (58,82%), e a região Sudeste (30,59%) foi a que mais apareceu nas declarações quanto à região de residência. No que se concerne à religião, 83,76% dos indivíduos não a declararam em seus perfis. Por fim, na orientação política, variável utilizada para a análise das ancoragens psicossociais neste estudo, 46,59% dos usuários se denominavam como pertencentes ao espectro político de esquerda, 38,12% ao de direita e 5,65% ao centro.

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica dos indivíduos (n = 425)

Categoria sociodemográfica		%
Gênero	Homem	58,82
	Mulher	31,53
	Não declarado	9,65
Região de residência no Brasil	Norte	2,59
	Nordeste	11,53
	Centro-Oeste	3,53
	Sul	4,47
	Sudeste	30,59
	Fora do Brasil	2,59
	Não declarado	44,71
Religião	Cristão*	10,82
	Católico	2,35
	Evangélico	0,71
	Ateu	0,47
	Espírita	0,24
	Candomblé	0,24
	Cabalista	0,24
	Agnóstico	0,24
	Budista	0,24
	Pagão	0,24
Não declarado	83,76	
Orientação política	Esquerda	46,59
	Direita	38,12
	Centro	5,65
	Não declarado	9,65

*Obs.: Foram considerados cristãos todos os usuários que declararam a crença no cristianismo sem apontar nenhuma vertente específica.

Tabela 2
Síntese das duas etapas que compõem a coleta de dados

Etapa da coleta de dados	Fonte de dados	Procedimentos de coleta
Etapa 1	3302 comentários sobre suicídio feitos por usuários da rede social <i>Twitter</i> .	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação de todas as reportagens sobre suicídio veiculadas pelo jornal <i>Folha de São Paulo</i> no <i>Twitter</i> entre 2015 e 2021 (n=103); 2. Coleta de todos os comentários feitos nestas reportagens; 3. Aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e composição do primeiro <i>corpus</i> de dados (n=3302).
Etapa 2	Informações sobre a orientação política dos 425 autores dos comentários coletados na Etapa 1.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação de todos os perfis dos autores dos comentários selecionados na Etapa 1 (n=425); 2. Coleta de informações relativas à orientação política disponibilizadas de forma espontânea e pública pelos autores dos comentários em seus perfis do <i>Twitter</i>; 3. Composição do segundo <i>corpus</i> de dados.

Tratamento e análise dos dados

No que se refere ao tratamento dos dados, para a composição do campo compartilhado das representações sociais de suicídio, o primeiro *corpus* de dados, referente aos comentários, foi submetido a análises estatísticas básicas viabilizadas pelo software Iramuteq. O critério utilizado para definir os termos que formaram o campo compartilhado foi considerar as palavras que possuíam frequência absoluta maior do que a frequência média do conjunto de palavras da totalidade do *corpus*, ou seja, 6,60 (47.822 ocorrências por 7.238 formas distintas; Camargo & Justo, 2016). Nos termos que correspondiam ao critério

estabelecido, procedeu-se a um agrupamento em categorias temáticas gerais (conforme Tabelas 2 e 3), segundo Análise de Conteúdo Temático-Categorial (Oliveira, 2008).

Para a análise das tomadas de posição de usuários do *Twitter* e identificação dos princípios que organizam o campo de significados sobre o objeto social suicídio, o primeiro *corpus* de dados, referente aos comentários, foi submetido à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e à Análise Fatorial de Correspondência (AFC), também viabilizadas pelo software Iramuteq. A CHD é uma forma de análise em que os segmentos de texto são classificados em função da coocorrência de formas lexicais e o seu conjunto é repartido com base na frequência das formas reduzidas (Camargo & Justo, 2016). Por sua vez, a AFC apresenta em plano cartesiano diferentes agrupamentos de palavras que constituem cada uma das classes propostas na CHD. A CHD permite evidenciar regularidades e aspectos comuns que são identificados no texto, ao passo que a AFC possibilita destacar relações de oposição que estruturam o conteúdo (Sousa, 2021).

A partir da constituição das classes na CHD, foram identificados indivíduos cujo conteúdo deram origem aos *clusters* (ver Figura 1). Para a análise das ancoragens das tomadas de posição identificadas no plano fatorial, em consonância com o objetivo deste estudo, as informações relativas à orientação política dos usuários, que compuseram o segundo *corpus* de dados, foram submetidas a análises estatísticas descritivas, conforme Tabela 5.

RESULTADOS

Seguindo o paradigma das três fases (Doise et al., 1993), os resultados são apresentados a partir da seguinte sequência: i) 'Campo compartilhado das representações sociais de suicídio', com a descrição de termos derivados dos comentários dos usuários do *Twitter* e suas respectivas frequências absolutas; ii) a formação de *clusters* de sujeitos em função do conteúdo característico associado ao objeto social suicídio; e iii) projeção dos termos no plano fatorial, com a tomada de posição dos usuários e a identificação dos princípios que organizam o campo de significados em análise. Estes dois últimos processos foram descritos na subseção 'Princípios organizadores e processos de ancoragem das representações sociais de suicídio'.

1 – Campo compartilhado das representações sociais de suicídio

O campo semântico que constitui o objeto suicídio para os sujeitos da representação apresentou-se organizado a partir de uma multiplicidade de significados, organizados em duas dimensões principais: a dimensão 1 organiza os conteúdos que correspondem à dinâmica social em que o fenómeno do suicídio se insere como objeto de representação social; e, na dimensão 2, estão presentes os significados elaborados que se associam diretamente ao objeto suicídio.

Na primeira dimensão (ver Tabela 3), estão presentes as categorias: i) *Cenário político brasileiro e mundial*; ii) *A pandemia de Covid-19*; iii) *Mídia e veículos de comunicação em massa*; e iv) *O direito às armas*. Essas categorias organizam os conteúdos relativos às diferentes conjunturas da realidade cotidiana atual que oferecem sentido ao fenómeno do suicídio para os usuários do *Twitter*. São mencionadas situações sociais mais abrangentes, como sistemas político-económicos e as crises sanitárias mundiais, bem como os processos mais específicos à realidade do país, como as articulações midiáticas e a legislação brasileira.

Na categoria *Cenário político brasileiro e mundial*, há a discussão sobre posicionamentos políticos, explicitando a oposição entre as orientações políticas de esquerda e de direita. Há também a menção a figuras envolvidas em episódios políticos nacionais e internacionais, como *Jair Bolsonaro*, *Lula*, *Donald Trump* e *Nicolas Maduro*. A política também é pauta que está presente na categoria *A pandemia de Covid-19*. Nesta, os usuários tecem críticas ao posicionamento governamental para conter o vírus, citam medidas de contenção, como o *lockdown* e a testagem da população, bem como a vacina e seus possíveis efeitos colaterais.

Efeitos colaterais são considerados também na categoria *Mídia e veículos de comunicação em massa*. Os usuários suscitam o debate sobre o papel dos jornais na divulgação do suicídio e sobre a necessidade de medidas para evitar gatilhos em quem consome conteúdos midiáticos sobre o tema. Também em relação aos desdobramentos que aumentariam ou diminuiriam as taxas de suicídio, os usuários abordam *O direito às armas*. Nesta categoria, discutem acerca da criação de leis que garantam maior acesso às armas de fogo no Brasil e os usuários debatem sobre as implicações que elas teriam nas taxas de mortalidade no país.

A dimensão 2 (ver Tabela 4) é constituída pelas categorias: i) *Suicídio como resultado de doença*; ii) *Epidemiologia do suicídio*; iii) *O direito de morte*; iv) *Religião*; v) *Quem tenta suicídio*; e vi) *Sentimentos e respostas emocionais*. Tais categorias versam sobre os significados associados diretamente ao suicídio, a partir de considerações que levam em conta a saúde pública, a ciência e a religião. Além disso, evidenciam a imagem de quem tenta suicídio para os usuários do *Twitter* e quais sentimentos são disparados pelo fenómeno.

Tabela 3*Dimensão 1 – Dinâmica sócio-contextual associada ao objeto suicídio*

Cenário de polarização política brasileiro e mundial				A pandemia de Covid-19				Mídia e veículos de comunicação em massa				O direito às armas	
Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.
Brasil	118	Lava Jato	16	Saber	153	Hospital	13	Falar	155	Netflix	16	Arma	89
Gente	79	Justiça	16	Vacina	74	Denunciar	13	Folha de São Paulo	114	Informação	15	Precisar	57
País	73	Corrupto	16	Tomar	50	Chinês	13	Ver	136	Tema	14	Assassinato	28
Mundo	70	Reitor	15	Genocida	36	Tragédia	12	Bem	85	Falha	14	Jeito	23
Presidente	60	Preso	15	Perder	31	Frente	12	Ler	84	Opinião	13	Comprar	22
Jair Bolsonaro	60	Pobre	14	Crime	28	Economia	12	Série	83	Manchete	13	Maior	21
Político	49	Fome	14	Overdose	27	Aguardar	12	Bom	81	Twitter	12	Acesso	18
Ato	49	Criminoso	14	Lockdown	25	Voltar	11	Problema	54	Romantizar	11	Lei	17
Povo	46	Covardia	14	Covid-19	24	Maluco	11	Acreditar	50	Reportagem	11	Tiro	15
Direita	46	Processo	13	Apoiar	24	Louco	11	Matéria	41	Perfil	11	Maneira	15
Governo	42	Pessoal	13	Humano	23	Inferno	11	Assistir	37	Comentar	11	Liberar	15
Brasileiro	35	Militar	13	Vírus	22	Engraçado	11	Mostrar	35	Parabéns	11	Vender	11
Lula	34	Liberdade	13	Psicopata	22	Coronavac	11	Mídia	33	Lado	10	Encontrar	10
Esquerda	29	Condenar	13	Momento	22	Caos	11	Lixo	32	Jornalismo	10	Facilitar	9
Idiota	28	Assassinar	13	Pandemia	20	Querido	11	Carta	32	Internet	10	Arma de fogo	9
Comunista	21	Eleger	12	Casa	20	Linha	10	Jornal	30	Filme	10	Segurança	8
Mandar	20	Capitalismo	12	Baixo	20	Dória	10	Imprensa	28	Cancelar	10	Corde	8
Juiz	20	Venezuela	11	Trabalhar	19			Comentário	27	Abordar	9	Compra	8
EUA	20	Sérgio Moro	11	Teste	18			Público	24	Assinante	7	Porte	7
Covarde	20	Pano	11	Voluntário	17			Jornalista	23			Exame	7
População	19	Nicolas Maduro	11	Gripezinha	17			Gostar	23				
Bandido	19	Esquerdista	11	Efeito	17			Gatilho	23				
Vladimir Herzog	18	Bozo	11	Relação	16			Forma	22				
Ditadura	18	Trump	10	Governador	15			Fato	22				
Cidadão	18	Sujo	10	Em Casa	15			Foto	21				
Canalha	18	Cadeia	10	Anvisa	15			Suposto	20				
Burro	18	Assassino	10	Preocupar	14			Ruim	20				
Votar	17	Mentiroso	9	Irresponsável	14			Vergonha	19				
Política	17	Praticar	8	Gado	14			Servir	18				
Mão	17	Inacreditável	8	Ocorrer	13			Divulgar	18				
PT	16	Damaraes Alves	8	Laudo	13			Escrever	18				
Prova	16							Jogar	17				

Tabela 4*Dimensão 2 – Significados associados ao objeto suicídio*

Suicídio como resultado de doença		Epidemiologia do suicídio		O direito de morte		Religião		Quem tenta suicídio		Sentimentos e respostas emocionais	
Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.	Termo	Freq.
Depressão	45	Ano	44	Favor	33	Deus	58	Família	50	Triste	58
Causa	45	Número	36	Concordar	25	Cristão	25	Filho	39	Merda	54
Caso	45	Aumentar	26	Eutanásia	17	Absurdo	19	Amigo	32	Entender*	46
Saúde	42	Estudo	20	Obrigar	15	Religião	17	Mulher	29	Sofrer	28
Sério	36	Por cento	15	Suicídio assistido	12	Alma	15	Homem	26	Culpa	28
Doença	31	Risco	13	Escolha	12	Julgar	14	Vítima	23	Desespero	21
Pagar	30	Índice	12	Ótimo	11	Força	14	Jovem	23	Sentir	20
Sistema Único de Saúde	29	Atual	9	Terminal	11	Graça	11	Pai	20	Dor	19
Ajudar	29	Fator	8	Decidir	10	Religioso	9	Adolescente	18	Medo	18
Dinheiro	27	Diminuir	8	Digno	9	Coração	9	Criança	17	Amor	16
Doente	25	Crescer	7			Bíblia	8	Geração	11	Empatia	14
Assunto	25							Irmão	10	Lidar	13
Tratar	19							Coitado	9	Lamentável	13
Psicológico	19							Familiar	8	Sofrimento	12
Médico	19							Coragem	8	Superar	9
Motivo	18							Infeliz	7	Enfrentar	8
Sistema	17									Sentimento	8
Salvar	16										
Droga	15										
Ajuda	14										
Uso	11										
Tratamento	10										
Serviço	10										
Saúde mental	8										

*Obs.: o termo entender, ao ser categorizado como resposta emocional, denota sentimentos de incompreensão e inconformidade face ao suicídio (ex.: "não consigo entender essa morte!", "não entendo a razão disso ter acontecido!", "ninguém entende o que se passava com ele!").

Na categoria *Suicídio como resultado de doença*, a depressão é elucidada como a principal causa dos episódios de suicídio. Também nesta categoria é debatida a importância do SUS para o tratamento dos casos de depressão no Brasil. Seguindo a linha de discussão do suicídio como tema de saúde pública, a categoria *Epidemiologia do suicídio* traz o debate do fenômeno sob a ótica das pesquisas científicas e estão presentes argumentações acerca dos fatores de risco que podem aumentar o número de mortes por ano no país.

Ao debaterem *O direito de morte*, o tema é considerado a partir das legislações e jurisdições brasileiras, a partir de posições e justificativas a favor da criação e implementação de leis e políticas públicas que garantam o direito à eutanásia e ao suicídio assistido no Brasil. Já na categoria *Religião*, o tema é abordado a partir do viés religioso, principalmente, resgatando crenças cristãs e significados historicamente atribuídos ao suicídio pelas religiões. Votos para que Deus tenha compaixão da alma de quem se suicida são mencionados, assim como o debate sobre o julgamento divino e social e a referência aos ensinamentos da bíblia.

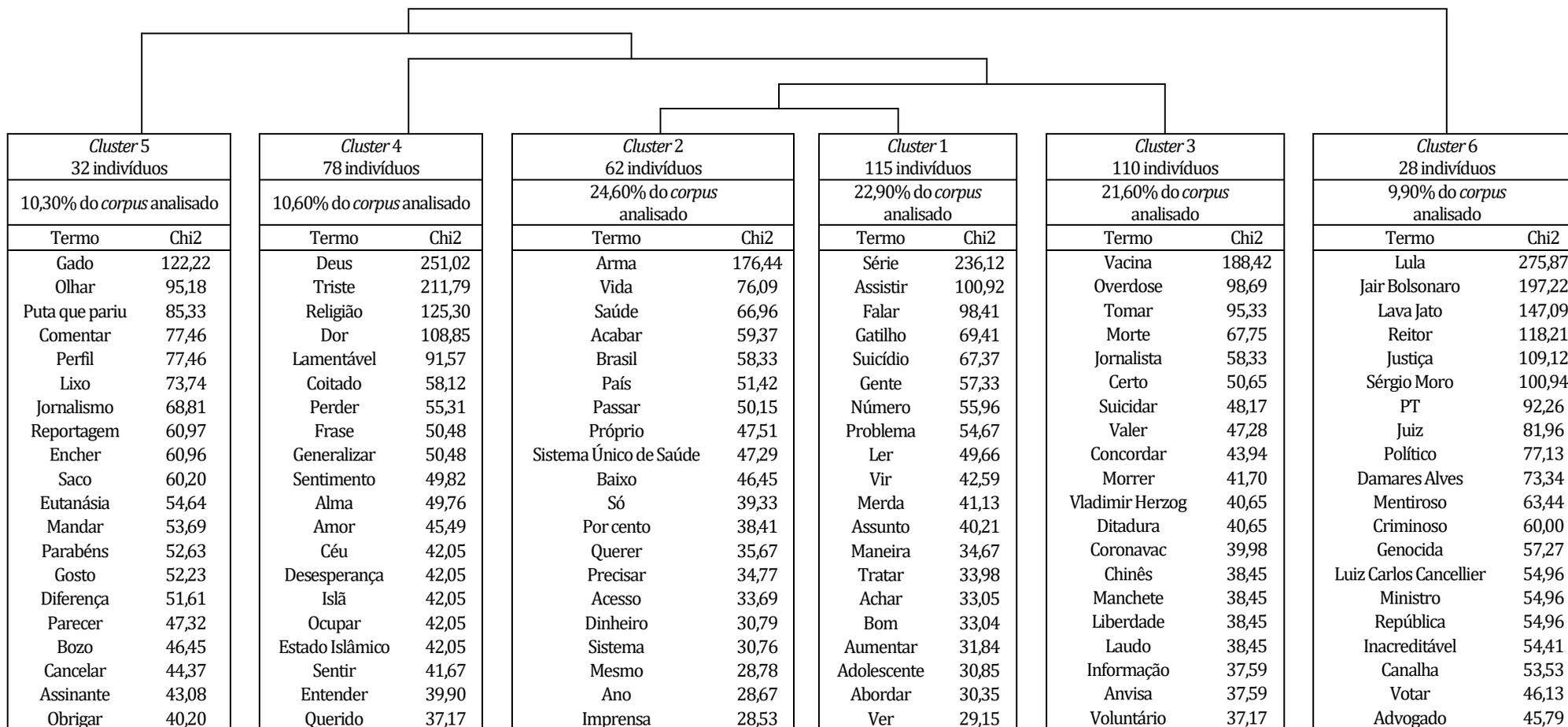
Na categoria *Quem tenta suicídio*, são elucidadas as imagens daqueles que tentam o suicídio. Os usuários destacam a figura da pessoa jovem, que tem família, infeliz e com coragem de se suicidar, se tornando mais uma vítima. A partir da construção da imagem de quem tenta suicídio, são demonstrados os conteúdos afetivos relativos ao tema na última categoria *Sentimentos e respostas emocionais*. A maioria dos afetos demonstrados pelos comentaristas é marcadamente negativa, como tristeza, incompreensão, culpa, desespero, dor e medo.

Observa-se, portanto, que o conteúdo compartilhado das representações sociais de suicídio entre usuários da rede social *Twitter* se subdivide em duas dimensões principais, sendo que a primeira versa sobre o contexto brasileiro e mundial em que o fenômeno se insere, mais especificamente nas esferas políticas, de saúde, midiáticas e legislativas. Já a segunda, refere-se aos significados associados ao objeto social suicídio e compreende a sua interpretação a partir das óticas científicas e religiosas, além da composição da imagem de quem tenta suicídio e dos sentimentos provocados pelo tema.

2 – Princípios organizadores e processos de ancoragem das representações sociais de suicídio

Na Figura 1, é apresentado o dendrograma das classes estáveis, com a sistematização dos dados com base na CHD. A partir da constituição das seis classes de significados, foram formados os seis *clusters* de sujeitos.

Figura 1
Dendrograma das classes estáveis



O *cluster 1* corresponde a 22,90% do *corpus* analisado e é formado por 115 indivíduos. Estes trazem o debate sobre a série *13 Reasons Why*, da Netflix, apontando os possíveis gatilhos deste material midiático para a população. Discutem se existem e se são necessárias outras maneiras de divulgar o assunto, citando estudos atuais e manuais da OMS.

O *cluster 2* representa 24,60% do *corpus* analisado e é formado por 62 indivíduos, que trazem o debate sobre a regulamentação da posse e do porte de armas no Brasil. Discutem os possíveis riscos e benefícios que tal regulamentação poderia trazer para a população. Este *cluster* apresenta o argumento de que, se as pessoas não tiverem acesso às armas, de qualquer forma, elas irão se suicidar utilizando outros métodos. Também discutem a eficácia do SUS no Brasil e fazem comparações com os sistemas de saúde de outros países, como os EUA.

O *cluster 3* corresponde a 21,60% do *corpus* analisado, é composto por 110 indivíduos e seu conteúdo característico aborda, principalmente, o contexto brasileiro durante a pandemia de Covid-19. Nele, é levantado o debate sobre o episódio que ocorreu durante os testes da vacina contra a Covid-19 no Brasil: o suicídio de um dos voluntários. Há a associação do suicídio do voluntário com os efeitos colaterais da vacina. Além disso, os indivíduos abordam o tema da manipulação midiática e discutem casos famosos em que houve distorção das informações transmitidas, como a morte do jornalista Vladimir Herzog na época da ditadura militar.

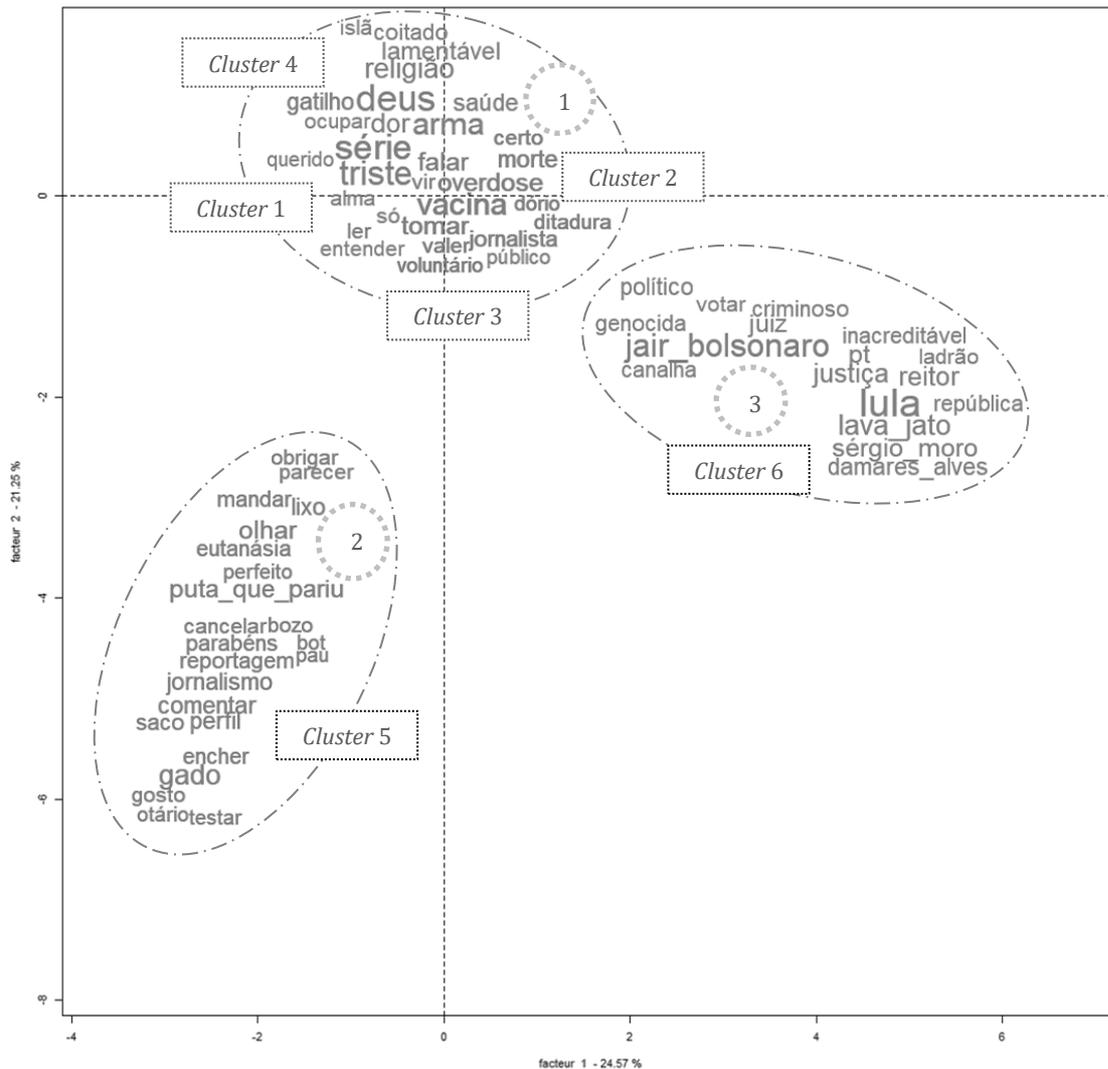
O *cluster 4* representa 10,64% do *corpus* analisado e é composto de 78 indivíduos. Esse *cluster* traz conteúdos relativos à religiosidade, à fé, aos sentimentos e às respostas emocionais frente ao suicídio. O islamismo e o Estado Islâmico também são debatidos, principalmente a partir da imagem que os associa aos clamados “homens-bomba”.

O *cluster 5* corresponde a 10,32% do *corpus* analisado e é composto por 32 indivíduos. Este *cluster* apresenta críticas, ofensas e xingamentos voltados para os usuários que se definem como eleitores de Jair Bolsonaro, para os eleitores da direita de forma geral e para a forma de jornalismo feita pelo jornal *Folha de São Paulo*.

Por fim, o *cluster 6* representa 9,86% do *corpus* analisado e é formado por 28 indivíduos. Neste *cluster*, estão presentes críticas voltadas ao campo político brasileiro, principalmente ao governo de Jair Bolsonaro e à operação Lava-Jato. Os indivíduos debatem o caso do reitor Luiz Carlos Cancellier, que se suicidou após ter o seu nome envolvido na operação Lava-Jato, e tecem críticas à forma de condução dessa investigação.

Na Figura 2, pode-se conferir a AFC, com a projeção das palavras que contribuem para a formação dos agrupamentos que organizam a dinâmica representacional sobre o objeto social suicídio, bem como a projeção dos *clusters* de sujeitos. São eles: i) agrupamento 1 – Ciência *versus* religião; e ii) agrupamentos 2 e 3 – Polarização política e conflitos intergrupais. O agrupamento 1 encontra-se no centro de gravidade do plano fatorial, ao passo que os agrupamentos 2 e 3 localizam-se no polo negativo do Fator 2, estando o agrupamento 2 (polo negativo) em oposição ao agrupamento 3 (polo positivo) no Fator 1.

Figura 2
Análise fatorial de correspondência



Na Tabela 5, são apresentadas informações acerca da orientação política dos indivíduos, extraídas dos perfis do *Twitter* dos usuários pertencentes a cada agrupamento.

Tabela 5
Orientação política dos usuários do *Twitter*

	Ciência versus religião		Polarização política e conflitos intergrupais			
	Agrupamento 1 365 indivíduos		Agrupamento 2 32 indivíduos		Agrupamento 3 28 indivíduos	
Orientação política	Esquerda	44,11%	Esquerda	56,25%	Esquerda	67,86%
	Direita	40,00%	Direita	28,13%	Direita	25,00%
	Centro	5,75%	Centro	6,25%	Centro	3,57%
	Não declarado	10,14%	Não declarado	9,38%	Não declarado	3,57%

No agrupamento 1, que aponta para as dicotomias entre a ciência e a religião na construção dos significados sobre suicídio, estão presentes os *clusters* 1, 2, 3 e 4. Neste agrupamento, as orientações políticas autodeclaradas dos indivíduos são, respectivamente: esquerda (44,11%), direita (40%), centro (5,75%) e não declarado (10,14%).

No centro de gravidade do plano fatorial, o agrupamento 1 apresenta conteúdos que refletem a construção do objeto social suicídio a partir da ciência e da religião. Os significados associados ao tema

emergem de discussões acerca de hipóteses científicas sobre práticas que estariam relacionadas ao número de suicídios, como o armamento da população, a veiculação do tema na mídia e a vacinação contra a Covid-19. Ao mesmo tempo, a construção de significados também ocorre a partir de conhecimentos religiosos, considerando o papel das figuras divinas e das religiões na orientação da conduta dos humanos ao lidar com o suicídio.

Se contrapondo no Fator 1, os agrupamentos 2 e 3, denominados *Polarização política e conflitos intergrupais*, estão associados aos *clusters* 5 e 6 e se organizam a partir das pertencas políticas dos comentaristas do *Twitter*. No agrupamento 2, os indivíduos se autodenominam como de esquerda (56,25%), de direita (28,13%), de centro (6,25%) ou não declarado (9,38%). Já no agrupamento 3, os indivíduos se declaram como de esquerda (67,86%), de direita (25%), de centro (3,57%) ou não se declaram (3,57%).

O conteúdo dos agrupamentos 2 e 3 é formado por expressões críticas à direita brasileira. No agrupamento 2, essa crítica aparece através do conflito entre os grupos de eleitores dos diferentes espectros políticos, com a presença de termos pejorativos e xingamentos direcionados aos que se identificam como de direita. Já no agrupamento 3, as críticas se direcionam aos governantes de direita e surgem, principalmente, a partir da postura de tais figuras em relação a casos de suicídio divulgados pela mídia.

DISCUSSÃO

Seguindo a proposição teórico-metodológica do paradigma das três fases (Doise et al., 1993), este estudo analisou o processo de ancoragem psicossocial e os princípios organizadores das tomadas de posição de usuários do *Twitter* em relação às representações sociais de suicídio. Portanto, a partir do objetivo de identificar o campo compartilhado associado ao objeto social suicídio, os princípios organizadores e os processos de ancoragem psicossocial do conteúdo representacional, discutem-se os resultados através da dinâmica das representações sociais.

Os resultados referentes ao campo compartilhado das representações sociais de suicídio para os usuários do *Twitter* (ver Tabelas 3 e 4) indicaram a existência de quatro categorias principais, que descrevem diferentes facetas do objeto de representação suicídio (ver Tabela 4): i) suicídio como questão relativa à religião (categoria Religião); ii) imagem e sentimentos de quem tenta suicídio (categorias Quem tenta suicídio e Sentimentos e respostas emocionais); iii) suicídio associado à depressão (categoria Suicídio como resultado de doença e Epidemiologia do suicídio); e iv) suicídio como direito do indivíduo (categoria O direito de morte).

Como questão relativa à religião, o suicídio é considerado ato absurdo e passível de julgamento divino. Na constituição destas representações para os usuários do *Twitter* deste estudo, os significados sobre o objeto social em questão seguem a dinâmica das religiões cristãs, que defendem o valor da alma (Marsh, 2010). Para estes usuários do *Twitter*, portanto, como a alma do indivíduo é um presente divino, tirar a própria vida seria uma forma de pecado, que é julgada tanto pelo meio social quanto pelas entidades divinas. A associação do suicídio à religião é uma tendência encontrada em pesquisas anteriores que investigaram as representações de suicídio em outros contextos (Lucas & Bonomo, 2022; Bezerra et al., 2021; Gomes & Fensterseifer, 2019; Meira et al., 2020; Melo et al., 2020).

Para além de pecador, o indivíduo que tenta suicídio é objetivado a partir da imagem da pessoa jovem, afastada da família e que se torna vítima (Lucas & Bonomo, 2022; Cantão & Botti, 2017; Ordaz & Vala, 1997; Oliveira et al., 2023). No campo afetivo, essa imagem provoca sentimentos como tristeza, sofrimento, culpa, desespero, dor e medo, o que está de acordo com estudos que abordaram os afetos envolvidos nas representações sociais de suicídio em outras populações (Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Calile & Chatelard, 2021; Meira et al., 2020; Melo et al., 2020; Oliveira et al., 2023).

Na associação com a depressão, o suicídio é representado como resultado do estado depressivo enfrentado pelo indivíduo. Compreendida como doença pelos usuários do *Twitter*, a depressão aparece como a causa principal de mortes autoprovocadas, sendo este um achado que está de acordo com a tendência encontrada em outras pesquisas que investigaram representações de suicídio na última década (Alves & Santos, 2020; Calile & Chatelard, 2021; Kravetz et al., 2021).

Para os indivíduos deste estudo, além de se configurar como causa principal, a depressão também é considerada como doença tratável e passível de cura. Tal compreensão possibilita que o suicídio seja visto como fenômeno evitável e transforma o tratamento para a depressão na principal forma de evitar casos de suicídio. Desse modo, o acompanhamento especializado em saúde mental para o indivíduo que sofre é elucidado como de fundamental importância para a prevenção do suicídio (Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Melo et al., 2020), e estes usuários do *Twitter* salientam o SUS como principal via de acesso da população aos tratamentos atuais (Lucas & Bonomo, 2022).

Assim como na depressão, as representações sociais de suicídio como direito do indivíduo também são objetivadas a partir da dinâmica saúde e doença, sendo associada à eutanásia, ao suicídio assistido e às doenças terminais. Os sujeitos da representação consideram que, a partir do momento em que não há possibilidade de cura em caso de doença, a interrupção da própria vida de forma digna deveria ser uma escolha possível (Santos et al., 2019).

Movimentando esses conjuntos de significados que compõem o campo representacional de suicídio para os usuários do *Twitter* estudados, três forças macrosociais foram identificadas como princípios organizadores dessas representações sociais: a ciência, a religião e a política. Por meio da AFC (Figura 2), identificou-se que a ciência e a religião organizam as tomadas de posição dos *clusters* de sujeitos 1, 2, 3 e 4, conforme agrupamento 1 – Ciência versus religião; e a política, por sua vez, parece orientar as tomadas de posição dos *clusters* 5 e 6, relacionados aos agrupamentos 2 e 3 – Polarização política e conflitos intergrupais.

Considerando a dimensão Ciência versus religião, desde o século XIX, com as publicações de Esquirol (1821) e de Durkheim (1897/2000), as investigações científicas passaram a contribuir para a reconstrução de significados associados ao suicídio ao longo dos séculos, se opondo às explicações de cunho religioso, posto que estas atribuíam ao fenômeno status de pecado passível de condenação (Marsh, 2010). Como mostram estudos anteriores que investigaram as representações sociais de suicídio, os sentidos que se ancoram na dualidade ciência e religião são uma constante em diferentes populações e contextos (Lucas & Bonomo, 2022; Calile & Chatelard, 2021; Cantão & Botti, 2017; Kravetz et al., 2021; Meira et al., 2020).

Destaca-se a ancoragem histórica do suicídio em que tanto as crenças religiosas como as pesquisas científicas vêm atualizando os sentidos que são atribuídos ao fenômeno no meio social e organizando o campo representacional do objeto em questão. A partir da AFC, observou-se que este embate entre ciência e religião ganhou ainda mais saliência no contexto da pandemia de Covid-19 (OMS, 2020). Enquanto os conhecimentos científicos tensionaram o debate sobre suicídio a partir do sentido da patologia, da depressão e do sofrimento individual, que remontam ao pressuposto por Esquirol (1821) no século XIX, a religião trouxe a noção do pecado e do pecador, do absurdo e da condenação da alma, noções que aludem às proposições de Santo Agostinho, no início da Idade Média (Marsh, 2010). Portanto, a partir de uma crise sanitária mundial sem precedentes e em face ao fenômeno de polarização política no Brasil (Fuks & Marques, 2022; Orellana et al., 2021), estes significados foram reaquecidos e sua densidade social se refletiu na reorganização do campo representacional e nas tomadas de posição dos sujeitos frente a estes significados (Doise et al., 1993).

Neste estudo, o contexto de polarização política vivenciado ao redor do mundo e também no Brasil (principalmente, a partir das eleições presidenciais de 2018), contribuiu para que a dimensão política se manifestasse como princípio organizador das representações sociais de suicídio. Este princípio atua, sobretudo, no plano das relações entre grupos (Doise, 1992), como demonstrado por meio da oposição entre orientações políticas de esquerda e de direita nos resultados do presente estudo. Os indivíduos que se declararam de direita, por exemplo, se colocaram como favoráveis ao armamento da população, com o argumento de que isso não aumentará as mortes por suicídio. Já os indivíduos que se declararam de esquerda, por sua vez, defenderam a regulação das mídias com o objetivo de diminuir o efeito contágio, que pode provocar mais mortes por suicídio na população.

Tendo em vista o conjunto de resultados apresentados, parece ser importante ressaltar, ainda, que o suicídio, como fenômeno que mobiliza o pensamento social, não deve ser entendido apenas como manifestação individual de sofrimento psíquico (Bezerra & Silva, 2019). A individualização do tema pode resultar na manutenção e no fortalecimento de uma suposta culpa atribuída ao indivíduo que sofre (Lucas & Bonomo, 2022), podendo contribuir para o seu afastamento do meio social e na sua discriminação, como nos casos em que sofrem maus tratos por profissionais nas emergências hospitalares (Meira et al., 2020).

Considerando o momento sócio-político-econômico atual, entende-se que os conhecimentos científicos que organizam o campo representacional de suicídio na esfera pública são pautados na individualização de patologias (Jovchelovitch, 2011). Neste panorama, em que há a defesa das características individuais em detrimento da multiplicidade e dos contextos históricos coletivos (Lucas & Bonomo, 2022), o suicídio também é lido a partir dessa perspectiva. Nos resultados acerca do campo comum, tanto a noção que postula o suicídio como direito individual como aquela que o relaciona à depressão demonstram isso.

Sobre a esfera pública, alguns estudos atuais apontam para a necessidade de orientar o entendimento do suicídio a partir desta dimensão coletiva (Lucas & Bonomo, 2022; White et al., 2016). Seguir com a compreensão individualizada do tema é descartar um dos maiores achados de Durkheim (1897/2000) sobre o assunto: o suicídio é um fato social. A obra do autor foi inovadora e um marco nas Ciências Sociais não apenas por inaugurar um novo método de pesquisa e por demonstrar que o suicídio pode ter diferentes causas. Um dos pontos mais importantes do estudo foi, justamente, apontar que existe

uma lógica de estruturas macrossociais estabelecida que produz diferentes significados para o suicídio. Este é um dos pontos de destaque porque, na busca pela compreensão destes significados, várias áreas de estudo se debruçaram sobre o tema a partir da publicação da pesquisa de Durkheim (1897/2000). Desde a Sociologia até a Medicina, passando pela Psicologia e por várias outras áreas, há uma tentativa de reivindicação de que o fenômeno suicídio é formado ou por fatores que são psicológicos ou por fatores que são sociais (Marsh, 2010; White et al., 2016). A partir dos resultados encontrados, entende-se que os significados produzidos sobre suicídio não se limitam apenas às características individuais do sujeito, mas também não podem ser plenamente compreendidos através apenas de contextos externos a ele.

Defende-se, portanto, que o suicídio é um fenômeno psicossocial (Moscovici, 1984), compreendendo que o sujeito produz conhecimento ao mesmo tempo em que também é produzido nesse conhecimento herdado, de forma ativa, em uma relação dialógica triangular Sujeito-Objeto-Alter (Jovchelovitch, 2011; Moscovici, 1984). Seguindo essa lógica, a compreensão do suicídio como fenômeno psicossocial permite, para além do entendimento das representações do objeto em questão, a análise sobre uma coletividade em um determinado momento histórico, tendo em vista que os mesmos processos que constituem tal objeto também constituem os sujeitos da representação (Moscovici, 1984). Não é possível considerar separadamente estes processos do conteúdo do pensamento social, e o estudo das representações sociais se apresenta como mais do que a listagem de sentidos elucidados sobre o suicídio. É uma tentativa de apreender o jogo representacional em esferas públicas – no caso, a rede social *Twitter* –, considerando as representações como estruturas simbólicas que medeiam o laço entre sujeito e sociedade (Jovchelovitch, 2011).

Na relação dialógica entre Sujeito-Objeto-Alter, que define a concepção psicossocial deste estudo, a relação entre os três componentes pode ser variável (Marková, 2006). Essa variação faz com que haja uma diferença entre representações baseadas em crenças ou em conhecimento. A partir dos resultados encontrados, observou-se que a ciência, como princípio organizador, modula representações baseadas em conhecimento: os grupos necessitam encontrar evidências a respeito do fenômeno suicídio e podem testar, criticar ou discutir conhecimentos específicos sobre ele. Nessas representações, a relação Sujeito-Objeto encontra-se em primeiro plano pela possibilidade de o sujeito analisar a natureza do suicídio de forma mais autônoma dos demais.

A religião e a política, por sua vez, modulam representações sociais baseadas em crenças. São de origem social, impregnadas de afetividade, apresentam consistência e duração e suas ligações com o objeto provêm dos grupos e da tradição mais do que do próprio objeto suicídio. Nesse tipo de representação, as relações entre Sujeito-Objeto estão em primeiro plano: as crenças culturalmente compartilhadas tornam os indivíduos insensíveis às diferenças e às inconsistências do suicídio enquanto objeto de representação social (Palmonari & Cerrato, 2011).

Por fim, os processos de significação abordados nas análises e resultados suscitam a importância de compreender como se configura o campo representacional sobre suicídio, para que propostas adequadas de intervenção sejam pensadas nos contextos sociais contemporâneos (Jovchelovitch, 2011). Como demonstrado, os espaços virtuais são formados por indivíduos e grupos que promovem interações, fortalecem vínculos de pertencimento e fomentam a construção de identidades e representações sociais, rompendo com as dinâmicas de espaço e de tempo tradicionais (Oliveira et al., 2017).

Conclusões

Os resultados encontrados contribuíram para identificar os elementos comuns das representações sociais de suicídio e como se organizam, além de explicar as variações individuais decorrentes das inserções psicossociais específicas dos sujeitos da representação no contexto deste estudo. No campo compartilhado, o conteúdo se relacionou ao contexto brasileiro e mundial em que o fenômeno se insere e aos significados associados ao objeto social suicídio. Em referência às heterogeneidades nas tomadas de posição relativas ao tema, a ciência, a religião e a política foram os três princípios organizadores que configuraram o campo representacional. Sobre as realidades simbólicas coletivas que ancoraram as diferentes tomadas de posição, as pertencidas políticas dos usuários do *Twitter* se destacaram neste estudo como pontos de ancoragem psicossocial privilegiados.

A partir do exposto, é possível entender como o suicídio se configura como um fenômeno que revela a dinâmica da própria sociedade. Para além da compreensão do objeto social em questão, foi possível registrar, a partir dos resultados, como as estruturas sociais se organizaram no contexto de polarização política e crise sanitária, e como essa organização modulou os comportamentos de grupos e as tomadas de posição individuais.

Esta pesquisa se demonstra relevante no entendimento da elaboração e da veiculação de significados associados ao fenômeno nos meios digitais, bem como na relação que estes significados possuem com as pertencidas dos indivíduos. Tais reflexões podem possibilitar uma melhor adequação de

propostas de prevenção do suicídio nos contextos sociais contemporâneos do Brasil. Entretanto, salienta-se que este estudo se restringe aos conteúdos referentes à rede social *Twitter* e às pessoas que a utilizam como canal de debate acerca do suicídio. Esta pesquisa foi realizada com coleta de dados virtuais e se limita à população que possui acesso à internet, o que pode não ser representativo da população geral.

Entre as possíveis questões decorrentes das análises expostas, destaca-se a indagação direcionada às pertencas religiosas dos indivíduos e o papel que elas poderiam desempenhar no processo de ancoragem social, tendo em vista que a religião foi um dos princípios organizadores do campo representacional de suicídio neste estudo. Dessa forma, seriam interessantes novas investigações que abordem em profundidade as pertencas religiosas e a sua relação com as tomadas de posição dos indivíduos frente ao suicídio. Também se mostram importantes as investigações que focalizem as pertencas políticas dos sujeitos das representações de suicídio em outros contextos digitais.

REFERÊNCIAS

- Alexandre, M. E. S., Bezerra, V. A., & Do Bú, E. A. (2021). Representational structure of suicide by college students and its psychosocial brands. *Trends in Psychology, 29*(2), 222–240. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00041-3>
- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado, 24*(3), 713–737. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922009000300005>
- Alves, D. V. A., & Santos, S. E. B. (2020). Noticiário teclado: o suicídio em pauta na mídia digital. *Revista da abordagem gestáltica, 26*(3), 267–278. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n3.3>
- Araújo, L. C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. P. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. *Psico-USF, 15*(1), 47–57. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100006>
- Ariès, P. (2012). *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Nova Fronteira.
- Baére, F., & Conceição, M. I. G. (2018). Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. *Revista Ártemis, 25*(1), 74–88. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.37229>
- Bezerra, J. D. J., & Silva, F. V. (2019). As cores da vida: estratégias biopolíticas nas campanhas setembro amarelo, outubro rosa e novembro azul. *Migulim, 8*(2). <https://doi.org/10.47295/mgren.v8i2.1902>
- Bezerra, V. A. S., Sousa, R. S., Aleixo, A. S., & Diniz, F. C. O. R. (2021). Representações sociais de estudantes sobre a pessoa que se suicida. *Conedu – Escola em tempos de conexões, 3*, 1632–1652.
- Bonomo, M., Souza, L., Melotti, G., & Palmonari, A. (2013). Princípios Organizadores das Representações de Rural e Cidade. *Revista Sociedade e Estado, 28*(1), 91–118. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922013000100006>
- Brasil, J. A., Bonomo, M., Nascimento, A. G. M., Livramento, A. M., & Souza, L. (2018). Ancoragem psicossocial a partir dos sentimentos negativamente valorados: representações sociais de ciganos. *Psicologia em Revista, 24*(2), p. 616–637. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p616-637>
- Calile, O. H. B. O., & Chatelard, D. S. (2021). Representações sociais sobre suicídio. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, 9*(2). <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i2.5408>
- Camargo, B. V., & Justo, A. (2016). *Tutorial para uso do software IRAMUTEQ*. http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_17.03.2016.pdf.
- Cantão, L., & Botti, N. C. L. (2017). Representação social do suicídio para pessoas com problemas relacionados ao uso de drogas. *Avances en enfermería, 35*(2), 146–156. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v35n2.61014>
- Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychologie, 45*, 189–195. https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1992_num_45_405_14126
- Doise, W. (2002a). *Direitos do homem e força das ideias*. Horizonte.
- Doise, W. (2002b). *La forza delle idee*. Il Mulino.
- Doise, W., Clémence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1993). *The quantitative analysis of social representations*. Prentice Hall/Harvester Wheatsheaf.
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio: estudo sociológico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1897).
- Esquirol, J. E. D. (1821). *Dictionnaire des sciences médicales: par une société de médecins et de chirurgiens, vol. LIII*. Panckouke.
- Ferreira, R. S., Martin, I. S., Zanetti, A. C. G., & Vedana, K. G. G. (2021). Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva, 26*(4), 1565–1574. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.12882019>
- Fuks, M., & Marques, P. H. (2022). Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública, 28*(3), 560–593. <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>

- Gomes, T. A. S., & Fensterseifer, L. (2019). Assim na terra como no céu: apontamentos acerca de construções discursivas sobre o suicídio, difundidas pelo jornalismo mineiro, de 1920 a 1940. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(7), 322-341.
- Instituto Verificador de Comunicação. (2020). *Posição participação e evolução das publicações - Janeiro a Dezembro de 2020, edições digitais*.
- Jovchelovitch, S. (2011). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Vozes.
- Kravetz, P. L., Madrigal, B. C., Jardim, E. R., Oliveira, E. C., Muller, J. G., Prioste, V. M. C., Wanderbroocke, A. C., & Polli, G. M. (2021). Representações Sociais do Suicídio para adolescentes de uma Escola Pública de Curitiba. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(4), 1533-1542. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.09962019>
- Lucas, L. S., & Bonomo, M. (2022). "Suicídio?! E Eu com Isso?": Representações sociais de suicídio em diferentes contextos de saber. Editora Dialética.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais - as dinâmicas da mente*. Vozes.
- Marsh, I. (2010). *Suicide: Foucault, History and Truth*. University Press.
- Meira, S. S., Vilela, A. B. A., Lopes, C. R. S., Alves, J. P., & Pereira, H. B. B. (2020). Análise cognitiva das representações sociais de profissionais da emergência hospitalar sobre suicídio. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)*, 16(4), 3-12. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.166424>
- Melo, F. C. P., Ferreira, F. C. P., Ferreira, J. A., Sousa, N. S., & Nunes, N. E. S. (2020). Representações sociais sobre o suicídio "tecidas" por professores(as) de escolas públicas de Santarém - PA. *REH - Revista Educação e Humanidades*, 1(2), 133-156.
- Minois, G. (2018). *História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. Editora UNESP.
- Monari, A. C. P., & Bertolli Filho, C. (2019). Entre o debate público e o silêncio: análise da cobertura jornalística online sobre a questão do suicídio de adolescentes e jovens negros no Brasil. *RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 13(4), 754-767. <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1853>
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie sociale*. PUF.
- Muldon, O. T., Liu, J. H., & Mchugh, C. (2021). The Political Psychology of COVID-19. *Political Psychology*, 0(0), 1-14. <https://doi.org/10.1111/pops.12775>
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, 16(4), 569-576.
- Oliveira, E. F. S., Coutinho, M. P. L., Costa Filho, J., Pinto, I. C. B. L., Sobrinho, E. P., & Coutinho, M. L. (2023). Representações sociais e ancoragens do suicídio e ideação suicida por profissionais de segurança pública. *Revista Contemporânea*, 3(9), 15369-15389. <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-101>
- Oliveira, F. D. C., Rocha, J. P. D. C., Nascimento, I. F. G., Naiff, L. A. M., & Ávila, R. F. (2017). Novas páginas de pesquisa em Psicologia Social: o fazer pesquisa na/da internet. *Psicologia e Saber Social*, 6(2). <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.33558>
- Oliveira, M. E. C., Gomes, K. A. L., Nóbrega, W. F. S., Gusmão, E. C. R., Santos, R. D., & Franklin, R. G. (2020). Série temporal do suicídio no Brasil: o que mudou após o Setembro Amarelo?. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 48, p. e3191. <https://doi.org/10.25248/reas.e3191.2020>
- Ordaz, O., & Vala, J. (1997). Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. *Análise Social*, 32(143-144), 847-874.
- Orellana, J. D. Y., Cunha, G. M., Marrero, L., Moreira, R. I., Leite, I. C., & Horta, B. L. (2021). Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil. *Cadernos de saúde pública*, 37(1). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00259120>
- Organização Mundial da Saúde. (2020). *Actualización de la estrategia frente a la Covid-19*. Ginebra. https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/covid-strategy-update-14april2020_es.pdf
- Palmonari, A. (2009). A importância da Teoria das Representações Sociais para a Psicologia Social. Em A. M. O. Almeida, D. Jodelet (Orgs.), *Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (pp. 35-48). Thesaurus.
- Palmonari, A., & Cerrato, J. (2011). Representações sociais e Psicologia Social. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais - 50 anos* (pp. 402-441). Technopolitik.
- Santos, J. L. F., Morais, E. R. C., & Aléssio, R. L. S. (2019). Social representations on euthanasia between students of law and medicine: A comparative analysis. *Temas em Psicologia*, 27(3), 805-818. <https://doi.org/10.9788/TP2019.3-15>

- Sinyor, M., Hartman, M., Zaheer, R., Williams, M., Pirkis, J., Heisel, M. J., Schaffer, A., Redelmeier, D. A., Cheung, A. H., Kiss, A., & Niederkrotenthaler, T. (2022). Differences in Suicide-Related Twitter Content According to User Influence. *Crisis*, 44(4), 292–299. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000865>
- Sinyor, M., Williams, M., Zaheer, R., Loureiro, R., Pirkis, J., Heisel, M. J., Schaffer, A., Redelmeier, D. A., Cheung, A. H., & Niederkrotenthaler, T. (2021). The association between Twitter content and suicide. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 55(33), 268–276. <https://doi.org/10.1177/0004867420969805>
- Sousa, Y. S. O. (2021). O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(n. spe.), 1541–1560. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.64034>
- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 133-162). Technopolitik.
- Valentim, J. P. (2016). Au-delà du consensus dans les études sur représentations sociales. Em G. Lo Monaco, S. Delouvé, & P. Rateau (Eds.), *Les représentations Sociales* (pp. 183–186). de Boeck.
- White, J., Marsh, I., Kral, M. J., & Morris, J. (2016). *Critical suicidology. Transforming suicide research and prevention for the 21st century*. University of British Columbia Press.

CRedit DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Lorena Schettino Lucas: Concetualização, Curadoria dos dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Redação do rascunho original. **Mariana Bonomo:** Concetualização, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Redação – revisão e edição. **Joaquim Pires Valentim:** Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Redação – revisão e edição.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela bolsa de doutorado sanduíche da primeira autora (CAPES, No. Processo 88881.690181/2022-01, Código de financiamento 001).

Histórico do manuscrito

Recebido	24/10/2023
Aceite	18/07/2024
Publicado (online)	-
Publicado	31/12/2024